

Bug do Milênio: do “dilúvio eletrônico” a “grande fraude do ano 2000”

Millennium Bug: from the "electronic deluge" to the "great fraud of the year 2000"

Kalliany Moreira Menezes VITORIANO¹

Resumo

O presente artigo busca analisar as expectativas e os preparativos para enfrentar o *Bug* do Milênio, a pane geral dos computadores prevista para acontecer na virada de 1999 para 2000. Tudo que contivesse *microchips* ativados por mecanismos de medição de tempo poderia travar ou remeter para o início do século XX, podendo gerar desde simples prejuízos materiais até o fim da nossa civilização. Entretanto, ao analisarmos os relatos colhidos em jornais (*O Povo* e *Diário do Nordeste*) e revistas (*Veja*, *Época* e *IstoÉ*), no período de 1998 a 2001, não encontramos indícios de uma histeria coletiva em Fortaleza, Ceará, mesmo com e/ou em virtude da incessante exploração do tema pela mídia. Além do mais, o computador ainda não fazia parte da realidade de uma grande parcela da população, que por isso não teria conseguido estabelecer uma relação de significado com esse fenômeno. Acabando, assim, por cair no vazio chegando a ser considerado como “a grande fraude do ano 2000”.

Palavras-chave: Imprensa. Tecnologia. Imaginário.

Abstract

This article seeks to analyze the expectations and conservational to tackle the millennium *bug*, the general breakdown of computers is expected to occur in the turn from 1999 to 2000. Everything that contained microchips enabled by mechanisms of time measurement could halt or refer to the beginning of the XX century, which can generate from simple material losses until the end of our civilisation. However, when we look at the reports collected in newspapers (*O Povo* and the *Diário do Nordeste*) and magazines (*Veja*, *Época* and *Isto É*), in the period from 1998 to 2001, did not find any evidence of a collective hysteria in Fortaleza, Ceará, despite (or by virtue of) the incessant exploration of the subject by the media. Besides that, the computer was not being yet part of the reality of a large part of the population, which would not have been able to establish a relationship of meaning with this phenomenon. In this way, it ended up falling into disrepute and came to be considered as "the great fraud of the year 2000".

Keywords: Media. Technology. Imaginary.

¹Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE).
E-mail: kalliany_menezes@yahoo.com.br.

Introdução

O ano 2000² não só teria despertado o temor de um apocalipse bíblico e/ou de um cataclismo cósmico, o medo também teria tomado contornos novos, tecnológicos, como preconizou a revista *Época*: “modernos profetas do fim do mundo anunciam a iminência de um dilúvio eletrônico”. (SOUZA; SHIMIZU; NEVES, 1998, p. 59).

O “*Bug do Milênio*”, “*Bug do Ano 2000*”, “*Y2K Problem*” ou simplesmente *bug*, são termos que se referem à pane geral dos computadores prevista para acontecer na virada de 1999 para 2000. Segundo o editor da Revista *IstoÉ*, Norton Godoy (1999), quando o computador passou a ser uma ferramenta comercial nos anos 1950, sua memória eletrônica ainda era muito cara. Por exemplo, em 1965 um *megabyte* de espaço de memória magnética (suficiente para gravar um texto de 300 páginas) custava US\$ 761. Então, para economizar os engenheiros cortaram os dois primeiros dígitos de todos os anos. Assim, ao final de 1999, os computadores passariam a registrar 00, podendo caracterizar o ano 1900, ao invés de 2000.

Portanto, tudo que contivesse *microchips*, ativados por mecanismos de medição de tempo, poderia travar ou remeter para o início do século XX, produzindo uma série de erros com conseqüências que poderiam ir desde os simples prejuízos materiais até colapso da civilização. Devido à globalização e a crescente integração dos sistemas tecnológicos, um pequeno problema, localizado, poderia provocar uma reação em cadeia, semeando o pânico e arrastando quase simultaneamente as outras regiões do mundo (O Povo, 13/12/1999). Todavia, Norton Godoy (1999) salientou:

[...] o grande perigo dessa falha banal é sua incerteza. Como nunca aconteceu antes e provavelmente não se repetirá, não há como prever suas conseqüências. Essa perspectiva, que pode tomar as piores cores dependendo de quem a vê, está levando muita gente a tomar atitudes drásticas [...].”

²Segundo o historiador Hillel Schwartz (1995, p. 412-413), o ano 2000 teria sido o tradicional ponto final das previsões “de longo prazo”. Nenhuma data, nenhum número mágico além do ano 2000 teria aglutinado ao seu redor uma série tão extraordinária de apostas proféticas. Nem mesmo o ano 2001.

Eduardo Nunomura, da revista *Veja*, descreve, em janeiro de 1999, o pesadelo dessa incerteza que poderia se tornar realidade:

Os caixas 24 horas não aceitariam os cartões dos bancos, cartões de crédito seriam rejeitados, telefones ficariam mudos e não seria possível sequer ligar para os números de emergência da polícia ou dos bombeiros. As luzes em algumas cidades não se acenderiam, os elevadores ficariam travados e as agendas eletrônicas perderiam dados. Os sistemas hospitalares de monitoramento que injetam medicação nos pacientes graves e verificam as dosagens podem ter uma pane e interromper a inoculação dos remédios vitais. Caos nos aeroportos, com enorme confusão nas escalas das tripulações e nos computadores de bordo. [...]. Aposentados seriam identificados como recém-nascidos nos fichários digitais da Previdência e seus pagamentos, cancelados. Desorientados, os perigosos sistemas computadorizados que controlam os arsenais nucleares americanos e russos podem entrar em colapso.

Assim, as revistas brasileiras informaram que o *bug* do milênio estava sendo aguardado com tamanha expectativa e altas doses de especulação que havia desencadeado uma onda de histeria coletiva nos Estados Unidos. Famílias estocaram alimentos e compraram geradores de energia elétrica para sobreviver ao caos que estavam prevendo, sendo que algumas famílias estariam se mudando para o interior a espera da data fatídica. As autoridades de várias cidades, também, incentivaram seus habitantes a terem em casa o equivalente a duas semanas de salário em dinheiro vivo e estocarem, o suficiente para cinco dias, suprimentos como: alimentos não-perecíveis, água, remédios, pilhas e lanternas, além de cobertores e combustível para o gerador de aquecimento (FREITAS JR; FORGANES, 1999).

Inclusive, essas precauções foram indicadas, em novembro de 1998, por Richard Hunter (apud SHIMIZU, 1998), vice-presidente e diretor de tecnologia de pesquisa do *GartnerGroup*, consultoria especializada em tecnologia da informação. Para Hunter seria impossível adivinhar quais seriam os incidentes provocados pela falha dos computadores, mas pondera que:

Isso não é paranóia, mas uma preparação razoável. É como se estivessem esperando um furacão. [...] Claro que é ridículo estocar armas, preparando-se para o caos civil. Mas armazenar alimentos, água, velas, fósforos, remédios e ter algum dinheiro em mãos é uma boa medida. (Idem).

Contudo, apesar das explicações ou em virtude das mesmas, o *bug* do milênio criou na *internet* um verdadeiro *business* com a venda de *kits* de sobrevivência (PROPATO, 1999). Vale ressaltar, conforme Pierre Bourdieu (1997, p. 93), que a mídia, mesmo ao tentar acalmar e esclarecer a população acerca do fim do mundo, acaba desempenhando o papel de bombeiro incendiário, ou seja, contribui para estimular e conservar acesas essas expectativas.

Jean Lacouture (1988, p. 215) afirma, ainda, que os meios de comunicação de massa são coletores de fatos e produtores de efeitos imediatos, mas são pouquíssimos os especialistas que podem medir o impacto produzido sobre a sociedade. No Brasil, por exemplo, não podemos mensurar todo o impacto produzido na população acerca do *bug* do ano 2000, mas podemos afirmar que não houve uma histeria coletiva. Aliás, encontramos poucos relatos de tal temor, como o caso do aposentado Carlos de Souza Neves, 77 anos, que se mudou do Rio de Janeiro para um sítio no interior de Minas Gerais. Ele declarou à revista *Isto É*, em agosto de 1999: "sempre acreditei que o fim viria. Há previsões de que faltará comida e água. A vida nas grandes cidades ficará difícil. Em Minas a natureza é abundante".

Da mesma forma, em Fortaleza, Ceará, não constatamos indícios de pânico, apesar da incessante exploração por parte da imprensa sobre o tema. Esse silêncio, porém, não exclui a possibilidade de algumas pessoas terem temido tal evento. Todavia, essa mesma supervalorização do *bug* pela mídia teria levado mais informação à população e isso pode ter atenuado tal receio, transformando-o em uma preocupação mais a nível financeiro e governamental.

Segundo Vladimir Barbosa Cavalcante (apud CASTRO, 1999), diretor da empresa de informática Tendências Tecnológicas e Soluções (TT&S), no Ceará, o *bug* do ano 2000 era uma preocupação apenas dos órgãos do governo e das concessionárias de serviços públicos, como Coelce (distribuidora de energia) e Telemar (empresa de telefonia): "é impressionante a situação das empresas no interior. Muitos empresários falam que o *bug* é coisa da mídia". Para Cavalcante, as prefeituras de pequeno porte do interior, assim como a maioria das pequenas empresas não teriam grandes problemas porque ainda não seriam totalmente informatizadas. No Estado não havia um levantamento oficial de quantas empresas se prepararam e o quanto gastaram para

enfrentar o *bug* do ano 2000, mas teriam sido poucos os empresários sensibilizados com o problema. Aliás, a falta de medidas empresariais *antibug* seria nacional (Idem). Em janeiro, cerca de 75% das empresas brasileiras ainda não haviam tomado providências para corrigir seus sistemas informatizados. O Brasil estava entre os países mais atrasados quanto ao controle do *Bug* do Milênio (FONTENELE, 1999c).

Assim, além de algumas pessoas ainda desconhecerem o problema, apesar de toda enxurrada de informações despejadas pela mídia, outras desconsideravam por completo a possibilidade do mesmo ocorrer, chegando até o extremo de duvidarem de sua real existência, como, também, declarou o recepcionista José Torres (O Povo, 13/12/1999): “*Bug não existe, é mais uma jogada de marketing. Tem um monte de gente da IBM, da Microsoft tentando consertar. Eles não fazem nada para melhorar, só para ganhar dinheiro.*” [itálico do autor].

Deveras, investiu-se muito dinheiro. O custo total dos preparativos para o *bug* do milênio tinha avaliações muito variáveis, a companhia de serviços informáticos *Cap Gemini*, por exemplo, calculou US\$858 bilhões de dólares. (O Povo, 08/02/1999). Um estudo da Universidade de Miami, o “*YK2 Project*”, informou que “o Brasil gastou o equivalente a US\$ 7 bilhões, entre os gastos das empresas e dos diversos governos (estadual, municipal e federal)” (O Povo, 02/01/2000).

No entanto, segundo o secretário-adjunto da Comissão Coordenadora do “Programa Brasileiro Ano 2000”, Marcos Osório de Almeida, o governo teria conseguido economizar entre R\$ 100 bilhões e R\$ 140 bilhões com o programa do *bug* do ano 2000. A cada R\$ 1,00 investido, o governo teria economizado até R\$ 4,00 em correções futuras e R\$ 10,00 com possíveis indenizações pelos prejuízos ocorridos (O Povo, 04/01/2000).

Com esse volume de investimentos, em março de 1999, o Brasil já havia realizado 78% do progresso projetado para superar o problema do *bug* do milênio, ficando no segundo grupo de países que havia mais avançado para proteger seus sistemas de computadores. O primeiro grupo, - composto por Estados Unidos, Austrália, Bélgica, Bermudas, Canadá, Dinamarca, Holanda, Irlanda, Suíça, Suécia e Inglaterra -, havia feito os maiores progressos e conseguiram limitar a 15% suas chances de falhas em serviços essenciais por causa do *bug* do milênio. No segundo grupo, - composto por

Brasil, França, México, Chile, Finlândia, Noruega e Portugal-, o risco de problemas era de 33%, em março de 1999 (Diário do Nordeste, 04/03/1999).

Entretanto, essa eficiência seria favorecida pelo fato do Brasil ainda não depender tanto da tecnologia da informação, quanto os países mais desenvolvidos. Vastas regiões do interior ainda viveriam na “Idade Média” em termos de tecnologia (GODOY, 1999). Dente as cidades do interior cearense, por exemplo, apenas Sobral, Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Iguatu, Quixadá, Camocim e Tianguá estavam ligadas à *internet*, com provedores atuando localmente através de *links* da Embratel, sem a necessidade de ligações telefônicas interurbanas. E cidades como Parnaíba, no Piauí, que contava com duas universidades, ainda estavam sem acesso à *internet* por causa da falta de estrutura para implantar a rede em pequenas cidades (FONTENELE, 1999d).

O relato do Padre Juarez Cardoso (2011), pároco da Igreja de Nossa Senhora das Graças, do bairro Vila Manoel Sátiro, descreve bem a evolução da importância da informática na vida das pessoas, mais especificamente de seus fiéis, que habitavam a periferia de Fortaleza:

Eu vim me ligar em computador, em internet, quando eu vim para cá pra paróquia. Até 2004, eu não tinha interesse, não gostava. Não era do meu mundo ainda. Tanto que na paróquia tinha computador, tinha *internet* na secretária, tinha o *e-mail*. [...] Aqui, quando eu cheguei por necessidade, então, eu tive que começar. [...]. Naquele tempo poucas pessoas da comunidade tinham. Nós estávamos com um povo pobre, tá compreendendo. Mesmo as pessoas que tinham mais condição, eram pessoas mais adultas e não tinham isso também. [...] Naquela época não era como hoje. Agora, se fosse hoje, certamente ia ter realmente um reboliço muito grande. Mas nesse tocante, eu soube realmente disso aí, mas pra atingir mais coisa do governo. É, [...] que haveria um falso terrorismo, uma coisa assim, etc. Mas não tenho muito conhecimento, o pessoal não me procurou a respeito disso não.

Assim, a falta de acesso à informática nas cidades do interior do Ceará, como da mesma forma para uma grande parcela da população da Capital, que não dispunha de meios para adquiri-la, teria também contribuído para a atenuação dos medos relacionados ao *bug* do ano 2000.

No entanto, a mídia brasileira ainda instigava tal temor. Em maio, a secretária de

Administração e Patrimônio da Presidência da República, Cláudia Costin (O Povo, 08/07/1999), alertou: “o Brasil poderá sofrer um verdadeiro caos na passagem do milênio, caso as três esferas de governo, federal, estadual e municipal, não estejam preparadas para enfrentar o *bug* do milênio”. Contudo, várias medidas preventivas foram implementadas e constantemente acompanhadas pelo governo e empresas.

Plano de contingência *antibug*

Em âmbito mundial, em todos os fusos horários, da Oceania às Américas, foram organizadas “células de crise” e “observatórios” para fazerem frente à passagem do *bug* do ano 2000 e informar ao resto do mundo sobre os problemas que podiam ocorrer. À medida que acontecesse a passagem para o ano 2000, os coordenadores nacionais indicariam, através da *internet*, a situação e o grau de funcionamento de cada um dos setores críticos (O Povo, 13/12/1999).

No Brasil, em 1998, foi criado por representantes da Casa Civil, do Ministério Extraordinário de Projetos Especiais e da Secretaria de Estado de Administração e Patrimônio, o “Comitê Gestor do Programa Ano 2000”. O Governo Federal, também, estabeleceu em decreto que os órgãos e entidades públicas deveriam enviar uma cópia do “Plano de Contingência” à Comissão Coordenadora do “Programa Ano 2000”, até o dia 15 de setembro de 1999. O decreto proibia a concessão de férias regulamentares, licenças e outros benefícios desse tipo no período de 15 de dezembro de 1999 a 9 de março de 2000 para os servidores públicos federais envolvidos nos projetos do ano 2000 (FONTENELE, 1999a). Em uma página da *internet* (www.a2000.gov.br) se podia acompanhar o nível de preparação de setores diversos do país nas esferas públicas e privadas (GODOY,N., 1999).

Para micro e pequenas empresas, assim como para os usuários domésticos, a solução do problema seria a troca de seus sistemas antigos por novos *softwares* já atualizados com relação ao *bug* do ano 2000. Para isso, a *Microsoft* distribuiu entre seus usuários corporativos e consumidores domésticos registrados em todo o mundo, 9,2 milhões de CD-ROMs que apresentavam as correções contra o *bug*. Além de disponibilizar serviços de atualização através de sua página na *internet*. (FONTENELE,

1999b).

Aos usuários domésticos, a Portaria 212 do Ministro da Justiça, também, garantiu seus direitos de consumidores, caso houvesse danos morais e materiais por causa do *bug* do milênio nos produtos fabricados depois de 1995. Os fornecedores ficariam responsáveis pela adaptação ou a troca do produto, assim como, com a restituição da quantia paga ou abatimento proporcional do preço (Diário do Nordeste, 31/12/1999).

Em Fortaleza, o então prefeito Juraci Magalhães instituiu, em abril de 1999, o “Programa Informática 2000”, que colocava o titular de cada órgão como responsável pela adequação dos sistemas. Segundo Marluce Pereira (O Povo, 31/12/1999), diretora do departamento de informática da SEFIM, em outubro, a Secretária de Finanças estava totalmente preparada para a chegada do ano 2000. Teriam sido gastos cerca de 40 mil reais com a adequação. Vários seminários, palestras e cursos, ainda, foram realizados para discutir e solucionar o problema.

A energia elétrica seria uma das maiores preocupações, porém testes já haviam começado em 1998, quando um deles, na hidrelétrica de Xingó (Nordeste), teria provocado uma pane geral nos sistemas de fornecimento. Contudo, em junho de 1999, já haviam solucionado os eventuais problemas. Mesmo assim, como o sistema brasileiro era todo interligado, teriam sido instalados isoladores nas principais centrais de distribuição de energia, para impedir que o efeito cascata atingesse as outras região, caso alguma ficasse no escuro (Isto É, 22/12/1999).

Na companhia energética do Ceará (Coelce) 300 funcionários fizeram o plantão do *bug*, sendo que outros 200 teriam ficado de sobreaviso, para possíveis eventualidades. Porém, na virada de 1999 para 2000 não foram registradas anormalidades nos seus sistemas. (O Povo, 01/01/2000).

Segundo a Agência Nacional de telecomunicações (Anatel), as empresas de telefonia no Brasil mantiveram 7 mil técnicos de plantão em todo o País durante a virada do ano. A empresa teria investido mais de R\$ 10 milhões no projeto do *bug*, iniciado em junho de 1997. (Idem).

A companhia telefônica Telemar, por sua vez, colocou de plantão dois mil funcionários na virada do ano. No caso de pane elétrica, geradores garantiriam a energia

por 24 horas em cada sede. Contudo, até mesmo o número de ligações nos horários de pico ficou abaixo do esperado, não acarretando grande congestionamento de rede (Idem). A Telemar investiu R\$ 65 milhões no plano de contingência nos 16 estados onde operava, sendo R\$ 6 milhões só no Ceará. Seu projeto *antibug* teve início em outubro de 1998. (O Povo, 02/01/2000).

Inclusive, para enfrentar quaisquer problemas de ordem pública, a Polícia Federal teria colocado de prontidão o efetivo de 3.000 agente. Em Fortaleza, já no dia 30 de dezembro, o policiamento fora reforçado com mais 380 policiais militares, sendo que na noite de *réveillon* foram destacados mais 130 PMs para atuarem na segurança da praia de Iracema, Beira Mar, Leste-Oeste e Praia do Futuro, onde estaria concentrado um maior número de pessoas (O Povo, 31/12/1999).

Em todos os aeroportos do Brasil, os pousos e decolagens de aviões foram suspensos entre às 23h45 do dia 31 e 0h15 do dia 1º para evitar problemas decorrentes do *bug* de 2000. Todavia, devido ao medo do *bug* ou por causa dos preços altos dos pacotes turísticos as pessoas estariam desistindo de viajar nesse período. O porcentual de cancelamentos estava 10% acima da média (Diário do Nordeste, 21/12/1999). No entanto, TAM, VASP, Varig e Transbrasil teriam afirmado que as reservas para o período, em Fortaleza, estariam normais. Nessa Capital, o Major Grossi, chefe do DPV, declarou que a comunicação com as aeronaves estava garantida por equipamentos reservas e um sistema alternativo de transmissão. Havia, também, combustível e geradores para 24 horas de energia elétrica, assim como uma equipe técnica de plantão entre 31 de dezembro e 2 de janeiro. No Aeroporto Pinto Martins o primeiro avião a pousar veio de São Paulo e chegou a 1h20min, sem registrar nenhum tipo de problema (FURLANI, 1999b). Da mesma forma, os 500 plantonistas da Infraero espalhados pelo Brasil nada detectaram de anormal (Diário do Nordeste, 02/01/2000).

Os bancos e as repercussões sobre o *bug*

No Banco Central, o Centro de Comando do Comitê *Bug* 2000 começou a funcionar em 20 de dezembro de 1999, reunindo 120 funcionários. Outros 300 fiscais ficaram de prontidão em todo o país entre os dias 20 de dezembro e 15 de janeiro. De

acordo com o Banco Central, os bancos teriam até o final de 1998 para adequar seus sistemas para as datas do ano 2000 (Diário do Nordeste, 19/12/1999).

A Caixa Econômica Federal elaborou uma cartilha e ofereceu um serviço gratuito de informações sobre o *bug* por telefone. Enviou, ainda, os extratos das contas de seus clientes nos dias 30 de dezembro e 3 de janeiro, além de guardar cópias de toda a movimentação bancária por seis meses. A instituição teria investido R\$ 85 milhões na preparação contra o *bug* (DUTRA, 1999). De acordo com a Federação Brasileira de Bancos (Febraban), todos os bancos foram obrigados a emitir extratos aos clientes, com as movimentações verificadas nos dias 31 de dezembro e 1 de janeiro (Diário do Nordeste, 31/12/1999).

A maior preocupação dos bancos na virada do ano foi a de que os correntistas retirassem grandes quantias de dinheiro podendo gerar uma crise de liquidez (falta de dinheiro), congestionamento e pane nos sistemas dos bancos, assim como uma onda de assaltos na cidade. No entanto, o Coordenador do “Programa 2000”, Solon Lemos Pinto (Diário do Nordeste, 01/01/2000), afirmou no programa “Bom Dia, Brasil”, da Rede Globo, que ao contrário do esperado, não teria havido uma corrida aos bancos nos últimos dias, sendo registrado, inclusive, mais depósitos que saques.

Em Fortaleza, o superintendente da Caixa Econômica Federal Allan Aguiar (apud TEIXEIRA, 2000) informa o número menor de saques em dezembro (45 mil), em comparação a novembro (47 mil). Talvez, um indício que os clientes resolveram antecipar suas operações bancárias. Apesar da maioria dos depoimentos revelarem confiança nos bancos, podemos observar diversas condutas, indo da precavida:

“Embora confiando, resolvi sacar um pouco mais do que o necessário para o reveillon para efeito de prevenção. Não esqueci também do extrato para conferir os lançamentos na próxima segunda-feira.”
Alcindo Santa Rosa, aposentado. (O Povo, 30/12/1999, negrito do autor.)

E culminando no total descrédito:

“Quero sacar, zerar minha conta corrente. Não tenho nenhum motivo para confiar no sistema bancário brasileiro. Só não sacarei da aplicação porque perderei ainda mais por todo o tempo que o meu

dinheiro passou preso no banco.” **Wilson Gonçalves**, funcionário portuário (Idem).

Contudo, no final, a malfadada pane do milênio não teria comparecido para estragar a festa da chegada do ano 2000. Segundo o jornal *O Povo*: “depois que a Rede Globo mostrou, no Show da Virada, que estava tudo bem com relação ao temido *Bug*, as pessoas foram dormir mais tranquilas” (Diário do Nordeste,02/01/2000). No dia seguinte, o jornal *Diário do Nordeste* afirmava que “a exemplo do restante do país e do mundo o *bug* não teve "sucesso" no Ceará. Todos os serviços funcionaram normalmente (Diário do Nordeste,03/01/2000).

A grande fraude do ano 2000?

Nos cinco continentes do mundo, a maioria dos países não apresentou problemas significativos. Apenas a Jamaica, no Caribe, teve o problema mais sério, com falhas no sistema de distribuição de energia elétrica. E Gâmbia, na África, registrou problemas no setor administrativo governamental (Diário do Nordeste,02/01/2000).

O Brasil registrou apenas cinco falhas pequenas, segundo o “Centro de Coordenação Geral das Ações contra o *bug* do ano 2000”. Houve dois problemas com programas de computadores no Hospital Geral de Vila Penteado (São Paulo) e no Hospital D’Avila (Recife); e em três máquinas de pedágio em São Paulo, que emitiram recibos com data errada (O Povo,02/01/2000).

Todavia, ainda havia a possibilidade de ocorrer pequenas falhas ao longo do ano. Para alguns, como Riverson Rios (1999), Coordenador do Curso de Especialização em Multimídia e Computação Gráfica da Universidade Federal do Ceará, os problemas estariam só começando:

Estima-se que na virada do ano somente 5 a 10% dos problemas irão de fato aparecer. Dias, semanas, meses poderão decorrer até que o programa que ativa o erro seja necessário. [...] o caos será generalizado se múltiplos erros ocorrerem quase ao mesmo tempo, causando uma reação em cadeia que se espalhará por vários locais. São estes 90 a 95% dos problemas os que realmente assustam. É preciso, portanto, estar atento durante todos os minutos do ano novo e não apenas nos primeiros. A noite do dia 31 pode durar mais do que se espera.

Esses dados foram reforçados pelo instituto de pesquisas *GartnerGroup*, que indicou que: 25% dos problemas relacionados ao *bug* ocorreriam antes do dia 31 de dezembro; apenas 10% aconteceriam na virada do milênio; e 55%, ao longo do ano 2000. Perto de 15% só iriam disparar em 2001 e outros 5% nos anos seguintes (Isto É, 22/12/1999).

Contudo, para outros especialistas, segunda-feira, 3 de janeiro, o primeiro dia útil de 2000 teria sido o verdadeiro “Dia D” para se conferir se tudo estava funcionando bem. Isso, porque o sistema financeiro seria reaberto e quando máquinas e equipamentos retornariam ao pico de funcionamento. Para o secretário-adjunto da “Comissão Coordenadora do Programa Brasileiro Ano 2000”, Marcos Osório de Almeida (Diário do Nordeste, 03/01/2000) não haveria perspectiva de que ocorressem problemas, pois o momento mais crítico de todos teria sido a virada do ano e ela teria sido “muito melhor do que nosso próprio otimismo”. A Comissão Coordenadora continuaria suas atividades até julho, quando se previa que os riscos com panes nos computadores, motivados pelo *bug* do ano 2000, estariam bastante reduzidos.

O terceiro momento crítico do *bug* seria no dia 5 de janeiro, quando começariam a ser pagos os benefícios previdenciários a mais de 18 milhões de aposentados e pensionistas. O dia seguinte, também, preocupou os técnicos. Nesse dia, os sistemas poderiam considerar 6 de janeiro como o primeiro final de semana do ano, tal como ocorreu em 1900 (Idem). Um *minibugou buguinho*, ainda, foi esperado para ocorrer no dia 29 de fevereiro, por ser um ano bissexto terminado em 00. Temeu-se que os computadores não reconhecessem o dia 29 e pulassem do dia 28 para o 1º de março (ARAGÃO, 2000).

No entanto, surgiram, ainda, vozes a questionar se todo o assunto do *bug* não fora, no final das contas, a grande “fraude do ano 2000” ou a “neurose do milênio”. Uma falsa entidade criada pelos marqueteiros para vender lazer, produtos e serviços. Em resposta às especulações, o conselheiro do presidente Bill Clinton para os problemas do *bug*, John Koskinen (Diário do Nordeste, 05/01/2000), declarou: “que as pequenas dificuldades surgidas no final de semana, apesar dos esforços empregados, demonstravam até que ponto o problema teria sido grave se não fossem tomadas as precauções necessárias”.

Considerações finais

Portanto, não podemos negar o temor gerado pelo *bug* do ano 2000, apesar de se poder duvidar de sua intensidade. Analisando sua expectativa na cidade de Fortaleza, não encontramos indícios de uma histeria coletiva, mesmo com a incessante exploração por parte da mídia. Tal silêncio, porém, não exclui a possibilidade de ter existido temores na população.

Todavia, entendemos que essa mesma supervalorização teria levado mais informação aos cidadãos e isso pode ter contribuído para o abrandamento do medo, transformando-o em mais uma preocupação financeira dos órgãos do governo e das concessionárias de serviços públicos. Por outro lado, tanto o excesso como a falta de informação e/ou acesso à informática levaram algumas pessoas a desconsiderarem ou desconhecerem o perigo do fato, chegando até ao extremo de duvidarem de sua real existência.

De acordo com Michel Maffesoli (1987, p. 26-27), a mídia pode mobilizar as emoções coletivas, mas sua força proveria do fato de estarem ligadas a uma sensibilidade local que num movimento de *feed-back* (memória social), de retorno, a determinaria. No entanto, o computador e a *internet* não faziam parte do mundo cotidiano de uma grande parcela da população. Então, a mídia não pôde mobilizar as emoções coletivas a favor do *bug*, pois não havia uma sensibilidade local (*feed-back*) que a fortalecesse (MAFFESOLI, 1987). Nunca havíamos experimentado um *bug* antes, daí ele não ter conseguido estabelecer uma relação de significado na comunidade (BACKZO apud CARVALHO, 1990). Talvez, por isso, o simbólico *bug* do ano 2000 tenha caído no vazio e no ridículo para um grande número de pessoas, e não só em Fortaleza, mas no mundo todo.

Entretanto, essa nova experiência abriu caminho e tornou possível e viável novas expectativas (KOSELLECK, 2006). Portanto, talvez em um futuro novo *bug*, a informática, hoje, realmente inserida no nosso cotidiano, já tenha conseguido estabelecer uma relação de significado na comunidade de imaginação, sensibilizando, assim, as emoções coletivas.

Referências

ANDRADE FILHO, José Carneiro de. Ano-novo eleva transações em terminais do Banco do Brasil. *In: Diário do Nordeste*, Fortaleza, 1 jan. 2000. Caderno Nacional. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/2000/01/01/>>. Acesso em: 1 abr. 2010.

ARAGÃO, Thaís. Bug volta a atacar no mês de fevereiro. *In: O Povo*, Fortaleza, 10 jan. 2000. Caderno Informática, p. 3.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

CARDOSO, Juarez: depoimento [7 nov. 2011]. Fortaleza, 2011. MP3 (26 min). Entrevistadora: Kalliany Moreira Menezes. Fortaleza, 2011. MP3 (26 min). Entrevista concedida a Dissertação “Até mil e tantos, a dois mil não chegarás!”: o ano 2000 no imaginário escatológico católico, em Fortaleza (1998-2001) do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS), Universidade Estadual do Ceará (UECE).

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Samira de. Empresas estão preparadas para enfrentar o “bug”. *In: Diário do Nordeste*. Fortaleza, 28 nov. 1999. Caderno Negócios. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/11/28/index.htm>>. Acesso em: 11 out. 2010.

DUTRA, Artumira. Bancos pregam clama e pedem saques moderados. **O Povo**. Fortaleza, 30 dez. 1999. Caderno Economia. Seção Preparação para 2000, p. 3.

FONTENELE, Ebenezer. Bug também preocupa o governo. *In: Diário do Nordeste*. Fortaleza, 30 ago. 1999a. Caderno Informática. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/08/30/index.htm>>. Acesso em: 11 out. 2010.

FONTENELE, Ebenezer. Empresa distribui ferramentas antibug. *In: Diário do Nordeste*. Fortaleza, 1 set. 1999b. Caderno Informática. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/09/01/index.htm>>. Acesso em: 11 out. 2010.

FONTENELE, Ebenezer. O reveillon ameaçador do ano 2000. *In: Diário do Nordeste*. Fortaleza, 4 jan. 1999c. Caderno Informática. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/01/04/>>. Acesso em: 5 fev. 2006.

FONTENELE, Ebenezer. Internet vai ao interior. *In: Diário do Nordeste*. Fortaleza, 13 dez. 1999d. Caderno Informática. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/12/13/>>. Acesso em: 27 jul. 2010.

FREITAS JR, Osmar.; FORGANES, Rosely. O apocalipse deles. *In: IstoÉ*, n. 1557, 4 ago. 1999. Disponível em: <www.istoe.com.br/reportagens/32891_O+FIM+DO+MUNDO>. Acesso em: 24 mar. 2011.

FURLANI, Clarisse. Pinto Martins e base aérea estão certificados para o Bug. *In: O Povo*. Fortaleza, 13 dez. 1999. Caderno Informática, p. 5.

GODOY, Norton. A ameaça do bug. *In: IstoÉ*, n. 1543, 28 abr. 1999. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/30615_A+AMEACA+DO+BUG>. Acesso em: 23 mar. 2011.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. *In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. (Org). A história nova*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo na sociedade de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

NUNOMURA, Eduardo. O mal do milênio. *In: Veja*. São Paulo: Abril, n. 1581, p. 54, 20 jan. 1999.

PROPATO, Valéria. O fim do mundo. *In: IstoÉ*, n. 1557, 4 ago. 1999. Disponível em: <www.terra.com.br/istoe/arquivo/inde1557.htm>. Acesso em: 11 abr. 2010.

RIOS, Riverson. 2000: o primeiro ano do resto de nossas vidas. *In: O Povo*, Fortaleza, 12 jul. 1999. Caderno Informática. Seção Ponto de Vista, p. 5.

SCHWARTZ, Hillel. **Fim de século**. 5. ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1995.

SHIMIZU, Heitor. Entrevista: Corrida contra o tempo. *In: Época*. São Paulo: Globo, p. 67, 2 nov. 1998. Seção Ciência e Tecnologia.

SOUZA, Jorge Luiz de; SHIMIZU, Heitor; NEVES, Fernando. Um réveillon em perigo. *In: Época*. São Paulo: Globo, p. 59-63, 17 ago. 1998.

TEIXEIRA, Benedito. Bancos têm movimento normal. *In: O Povo*, Fortaleza, 4 jan. 2000. Caderno Economia. Seção Efeito do Bug, p. 1.